

Levantamento lexical de palavras encontradas nos centros de umbanda do município de Nova Mamoré, Rondônia e a busca etimológica dos bantuisms brasileiros¹.

Antonio Elias Nascimento
E-mail: ikgrando@hotmail.com
Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Dante Ribeiro da Fonseca
e-mail: zeliafonseca@brturbo.com.br
Prof. Dr. do Departamento de História
da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo.

O artigo parte de uma percepção histórica da penetração dos cultos afro-brasileiros no estado de Rondônia. Na primeira parte é estabelecida a perspectiva histórica, considerando o impacto e o aporte da escravidão negra na Amazônia. Procura ainda demonstrar os aspectos que os negros africanos e seus descendentes deixaram na cultura da sociedade brasileira, particularmente na cultura religiosa, observando a umbanda como uma religião de matriz africana com aportes europeus e indígenas. Ainda, em seguida situa a origem dos centros de umbanda existentes no município de Nova Mamoré dentro da perspectiva da migração recente, momento no qual esses centros se instituíram. Elabora sua etnografia, de modo a estabelecer a tradição dos cultos como uma variante dos padrões do uso das palavras de possível origem bantu. Finalmente, aborda a realização de um levantamento lexical com o objetivo de identificar os possíveis bantuisms brasileiros falados no *Centro de Umbanda Deus é por mim*, do Município de Nova Mamoré, em Rondônia. A identificação baseia-se na entrevista com o pai-de-santo e os participantes do referido terreiro e é pautada na necessidade de mais estudos direcionados à determinação dos aportes lingüísticos de origem africana e especialmente bantu no português brasileiro. O objetivo principal do artigo é, através de um léxico de 250 palavras que não aparentam ter uma procedência portuguesa, verificar o percentual de bantuisms brasileiros presumidos, utilizados pelos freqüentadores dos centros de Nova Mamoré.

Palavras-chave: Religião, léxicos, bantuisms, cultos afro-brasileiros.

¹ Este artigo é baseado num estudo divulgado anteriormente no V Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, IV Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia" e XV Semana de Educação da Ufac.

Introdução.

Uma maneira através da qual se pode observar a interferência lexical das línguas trazidas com os negros é a consulta aos dicionários mais populares do Brasil. Por exemplo, no dicionário Aurélio – Século XXI e no dicionário Houaiss 2001, constam informações etimológicas sobre as palavras de possível origem africana.

Contudo, dado o caráter dominante e cêntrico da colonização europeia no Brasil, nos dicionários pesquisados não existem registros de palavras com classificação etimológica do tipo “europeísmo”, isso explica, contrariamente, a classificação africanismo para diversas palavras constantes nesses dicionários (CASTRO, 2006).

No entanto, é bem verdade que o tráfico negreiro trouxe para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX, uma enorme quantidade de escravos. Mattoso (2003, p. 53) afirma que durante esse período, teriam sido traficados da África para o Brasil um número que varia entre 3.500.000 e 3.600.000 pessoas. É importante registrar que esse enorme contingente de força escrava teria vindo de diferentes localidades da África e compunham etnias e nações diferentes. Ao analisarmos do ponto de vista lingüístico, verificaremos que no continente africano são faladas cerca de 1250 línguas.

Dentre essas línguas, Edison Carneiro (2008, p. XVII) alerta para a ênfase dos estudos sobre os iorubás, destacando que os povos bantus chegaram primeiro e em maior quantidade e que sua importância como matriz é fundamental à compreensão da afrodescendência.

Autores, como Castro (2006), que têm apontado a difusão geográfica dos povos africanos no Brasil, afirmam que foram os povos bantus os que mais se espalharam pelo território brasileiro, permitindo-nos supor que a grande maioria dos itens lexicais de origem africana integrados ao léxico do PB resultariam de línguas do subgrupo bantu, mais especificamente do kimbundo. Vale ressaltar um trecho do artigo A língua bantu angolana iwimbi [k12a] e a busca etimológica dos bantuísmos brasileiros, dos pesquisadores Silva, Nascimento & Ntongo, onde é afirmado:

Ora, uma breve análise da diversidade lingüística no continente africano e, em particular, em Angola, já serviria para pôr em xeque a idéia de que português do Brasil teria heranças, praticamente, em apenas três línguas. Partindo dessa premissa, os estudos no Brasil sobre tema ainda estão incompletos e merecem um estudo mais aprofundando (2010, p. 280).

Os estudos existentes no Brasil relativos às línguas africanas, foram realizados ainda nas décadas de 30 e 40 do século XX. Destarte percebemos que são necessários estudos urgentes com o objetivo de buscar a influência das línguas africanas na formação do português brasileiro (PB).

Daí a principal motivação apresentada neste trabalho de verificar algumas possíveis palavras de origem bantu, faladas nos centros de umbanda no município de Nova Mamoré.

As matrizes culturais afro-religiosas na Amazônia.

Ao iniciarmos o estudo das matrizes culturais afro-religiosas na Amazônia faz-se necessário explicitar o conceito de cultura aqui adotado. Apesar de ser um conceito ainda sujeito a múltiplas vertentes ideológicas e objetos de controvérsias a percepção de cultura que adotamos nesse trabalho é aquela explicitada por Lacraia:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que 'tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade'. Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos (2001, p.25).

Adotamos então o conceito elaborado por Tylor, que define cultura como todo o conhecimento produzido pelo ser humano enquanto realização social. A religião é, portanto, um dado da cultura na medida em que sua produção é necessariamente social, assim, suas mutações são produto da própria mudança histórica.

Sobre os dados da cultura religiosa, cujos traços linguísticos pretendemos estudar, convém lembrar que as crenças africanas que se fixaram em terras brasileiras foram de fundamental importância para a constituição da identidade cultural existente no Brasil hoje. Suas implicações vão além da cultura religiosa, transcendendo-as, fixam indelevelmente suas marcas na identidade nacional, seja na culinária, seja na língua, seja nos costumes. Em Rondônia somos picados pela

caba, palavra de origem tupi, mas no litoral somos picados pelo marimbondo, palavra de origem africana. Em certos estados comemos a canjica, em outros o mungunzá (a mesma comida de santo), que segundo Yêda Pessoa de Castro (2006) são palavras de possível origem bantu.

Os negros africanos que chegaram ao Brasil na condição de escravos, num primeiro momento eram submetidos a um treinamento conduzido por senhores e feitores, eram ensinados os rudimentos da língua portuguesa (ALBUQUERQUE, 2006, p. 95). No Brasil as matrizes culturais afro-brasileiras de cunho religioso se formaram a partir da fusão das diversas etnias que se encontraram na nova terra. Os dados dessas culturas se misturaram de forma que deram origem, nos diversos cantos do país, a outros tipos de manifestações religiosas, como é caso do tambor no Norte, da umbanda na região sudeste, do batuque na região sul, ao xangô em alguns estados do Nordeste e o candomblé em vários lugares.

De acordo com Verger (1981, p. 26), os primeiros registros sobre as religiões africanas no Brasil, datam de 1680. Toda essa reorganização dos cultos afros em terras brasileiras se deu em consequência da diáspora africana. As principais religiões afro-brasileiras, tiveram uma forte penetração no Brasil, inicialmente na Bahia, Maranhão e posteriormente nos demais estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Os estudos referentes às religiões de matrizes africana tem se segmentado em dois grandes grupos, o jeje-nagô que compreenderia todas as manifestações de origem sudanesa e o congo-angola, que seria constituída de elementos de cultura bantu. É importante lembrar que os modelos aqui denominados nações foram organizados a partir de semelhanças principalmente linguística. Atualmente, de acordo com Carneiro (2008, p. XVI e XVII), o candomblé se apresenta dividido da seguinte forma:

Nação Queto-Nagô (iorubá);
Nação Jexá ou Ijexá (iorubá);
Nação Jeje (fon);
Nação Angola (bantu);
Nação Congo (bantu);
Nação Angola-Congo (bantu)
Nação de Caboclo (modelo afro-brasileiro).

O mesmo autor alerta para a ênfase dos estudos sobre os iorubás, destacando que os povos bantus chegaram primeiro e em maior quantidade e que sua importância como matriz é fundamental à compreensão da afrodescendência.

Como os bantus eram em número superior aos demais trabalhadores, seu folclore se manteve, contudo, sua religião se desagregou. Assim sendo os cultos bantus foram gradativamente entrando em declínio, dando lugar aos cultos yorubás. No entanto não podemos deixar de registrar que os cultos afro tiveram influências de diversas nações.

As nações afro-religiosas

Inicialmente o termo nação estava estritamente ligado ao sentido político. Assim é que encontramos o termo nação como forma de designação racial, como nos apresenta Cacciatore (1977, p. 178): "...denominação de origem tribal ou racial (nação nagô, nação africana) atribuída aos grupos de negros que africanos vindos como escravos para o Brasil". Lima (1984, p. 20) em seu artigo "O conceito de nação nos candomblés da Bahia", chama atenção de como o termo nação "foi perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase que exclusivamente teológico a partir da segunda metade do século XIX. Ainda de acordo com o mesmo autor, o termo:

Nação passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia. Em outras palavras, nação passou a designar uma 'modalidade de rito', ou uma 'forma organizacional definida em bases religiosas. (CACCIATORE, 1984, p. 20).

Os terreiros de Rondônia

As religiões brasileiras de origem africana, denominadas "cultos afro-brasileiros", foram um produto da escravatura africana que perdurou até o final do século XIX. Esses cultos estão centrados no ritual e crença na possessão por espíritos que, aliás, não é exclusividade das religiões africanas, o próprio espiritismo kardecista, francês e cientificista, acredita nessa possibilidade. Aliás é frequentemente mencionado pela literatura que o espiritismo kardecista tenha contribuído para a formação da umbanda, pois, de um modo geral, nem a umbanda e nem o candomblé são religiões homogêneas, ortodoxas, no sentido ritualístico e doutrinário.

Porto Velho é onde se encontra o primeiro registro de manifestação de culto de matriz africana no estado. Foi no bairro Mocambo, no contexto da construção da EFMM, realizado por pessoas advindas de vários estados brasileiros, especialmente aqueles do nordeste, onde uma migrante maranhense vai estabelecer seu centro de culto. Após essa primeira manifestação registrada da cultura religiosa de matriz africana em Porto Velho, nos estertores do Primeiro Ciclo da Borracha, outras iniciativas vieram a consolidar o quadro atual de práticas religiosas no estado. Primeiramente o terreiro da maranhense, D. Esperança Rita, outros surgiram depois, nos anos quarenta (Chica Macaxeira) e sessenta (Celso e Hilton) esses dois últimos vindos de Manaus.

Essa primeira iniciativa, segundo Penna Pinheiro (1986, p. 157 apud Y. Furuya, 1994), foi o estabelecimento do primeiro grupo de umbanda, nesse caso termo genérico usado por Penna Pinheiro para designar qualquer tipo de culto afro-brasileiro em Porto Velho, se deu em 1914, sob a liderança da já citada maranhense Esperança Rita. Porém, esta não era a umbanda difundida nas décadas de 1920-30 nas grandes cidades do sul do país. Segundo os dados de Nunes Pereira (1979, p. 122-123, 142-143), que participou do ritual em Porto Velho por volta de 1941, esse grupo é de "Tambor-de-Mina" da linha maranhense. De acordo com Lima (2003), esse primeiro terreiro de Porto Velho, chamava-se Recreio de Yemanjá ou Terreiro de Santa Bárbara, tendo sido fundado nas imediações do pátio ferroviário da EFMM, no bairro conhecido por Mocambo, povoado por imigrantes de vários estados brasileiros. Ainda sobre o assunto, Lima (2003), esclarece que, em Porto Velho os cultos afro-brasileiros foram genericamente denominados macumba ou batuque, e, mais recentemente, umbanda. Assim como em outros lugares do Brasil, esses cultos foram implantados, sobretudo, em bairros populares. Também Santana (2009), em sua Dissertação de Mestrado: Estudos dos vocábulos Bantu da Tenda de umbanda Vovó Cambinda – Rolim de Moura (RO), afirma que a primeira mãe de santo do Estado de Rondônia foi a senhora Esperança Rita, fundadora do Terreiro de Santa Bárbara, sendo a primeira casa de culto do estado de Rondônia que se tem registro.

O município de Nova Mamoré

Nova Mamoré, município do Estado de Rondônia, está situado a 240,9 km da capital Porto Velho. Localizado na região nordeste do estado, possui clima equatorial

com variações para tropical quente e úmido, com rios, riachos e igarapés com uma área de 10.071,702 km², uma população de 22.552 habitantes (IBGE 2010). A sua origem se deu em função da desativação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e a criação da BR 425.

O centro Espírita Deus é Por Mim

Tem como pai de santo e fundador o senhor Silvério. Os trabalhos do centro tiveram início em 2000. Localizado na rua Eduardo Correia de Araújo com Princesa Isabel, S/N, bairro Cidade Nova. Conta atualmente com 15 médiuns. São cultuadas entidades como: o povo das matas, povo das águas, as crianças, pretos velhos etc. O centro realiza trabalho de vidência, benzimentos, banhos, chás, etc. As reuniões do centro são realizadas todas as quintas-feiras das 20 às 22 horas. Pessoas de todas as funções freqüentam o centro, funcionários públicos, autônomos, comerciantes, madeiros, etc. As despesas do centro são custeadas pelos freqüentadores e também pela venda do material para preparo dos trabalhos.

Metodologia, informante e corpus

Para a realização desse trabalho, tivemos como informantes o pai de santo e frequentadores do centro. Os entrevistados são oriundos dos estados: Amazonas, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul e do próprio estado de Rondônia nascidos na região do vale do rio Madeira e vivem na cidade algum tempo. O centro é freqüentado regularmente por adeptos que buscam consulta espiritual. No início da pesquisa, isto é, na primeira visita ao centro, não foi possível realizar uma conversa satisfatória com o pai de santo e outros membros do centro, pois foram necessárias outras visitas para adquirimos a confiança tanto dos freqüentadores quanto do pai de santo e de seus familiares. Os informantes entrevistados se caracterizam como um grupo de pessoas com nível de conhecimento variado, tendo pessoas sem instrução e freqüentadores com nível superior, sendo respectivamente profissionais liberais, funcionários públicos entre outras funções. Com relação ao aspecto religioso, os freqüentadores do centro se identificam como sendo católicos e evangélicos. As pessoas procuram o centro por motivo de doenças, por dom, afinidade espiritual às vezes por influência familiar e indicação de amigos. Os médiuns do centro são de

classe social variadas: funcionários públicos, pescadores, feirantes, comerciantes, entres outros. Ressaltamos que todos os dados coletados no centro foram transcritos foneticamente utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional e a fonte SILdoulosIPA.

O continente africano.

Com aproximadamente 30,7 Km² de terras, está localizado parte no hemisfério norte e parte no sul. Segundo continente mais populoso do mundo, possui aproximadamente 830 milhões de habitantes, distribuídos em 53 países africanos independentes. É um continente basicamente agrário, tendo uma população no qual a maior parte vive no meio rural. Na África a religião católica tem o maior número de adeptos, seguida pela religião muçulmana, porém, existem seguidores de diversos cultos africanos. É necessário registrar que o continente africano passou por um longo processo de colonização que teve como objetivo de explorar seus recursos minerais e agrícolas e uma competição acirrada entre as potências imperialistas e mercantilistas.

As línguas africanas.

Segundo o inventário estabelecido pelo *Ethnologue* (apud Gordon, 2005), as línguas africanas seriam mais de 2000 (2092) precisamente, sem levar em conta o aspecto dialetal de cada uma delas. Esse conjunto de línguas está atualmente dividido em quatro famílias ou troncos: o nigero-congolês (niger-congo, 1495 línguas), o afro-asiático (afro-asiatic, 353 línguas), o nilo-saariano (nilo-saharian, 197 línguas) e o coissan (khoisan, 22 línguas). Essa repartição, proposta e sistematizada por J. H. Greenberg nos anos 1950-1963 foi adotada, mais tarde, pela grande maioria dos lingüistas africanistas, com algumas revisões concernentes à reorganização interna de cada tronco.

Os bantu.

O termo “bantu” significa, “pessoas” ou seja seres humanos”. O primeiro a utilizar o termo foi lingüista alemão Willhem Bleek, no século XIX. Todas estas

línguas têm uma raiz comum, provavelmente uma língua muito antiga e desaparecida há milhares de anos, chamada de “protobantu” (CASTRO, 2001). Os bantus são encontrados em vários países da África, dos quais podemos citar Angola e Moçambique (que falam também português), Zimbábue, Camarões, Gabão, Quênia, Congo, Ruanda, Namíbia, Burundi e África do Sul. Os povos bantu, diferentemente dos outros povos africanos, se espalharam por todas as regiões do Brasil. Participaram decisivamente na formação social e cultura do Brasil, influenciando na religião (umbanda e os candomblés).

As línguas bantu.

As línguas bantu, segundo Greenberg (1963), é o tronco numericamente mais importante no interior da família Kongo- Kordofán¹ ou (Nigero Kongolesa), sendo uma das quatro famílias das línguas destacadas. As línguas da família bantu pertencem ao grande filo Niger-congo, conforme Jean-Pierre Angenot, no seu artigo Cognato e Étimo (p. 4):

proto-níger-congo > proto-volta-congo > proto-volta-congo oriental > proto-bantóide > proto-bantóide meridional > proto bantu > pré-área bantu X > pré-zona bantu Y > pré-grupo bantu Z > língua específica > dialeto específico.

A classificação tradicional do conjunto das línguas bantu foi estabelecido por M. Guthrie² (1948). Guthrie estabeleceu a classificação tipológica das 600 línguas bantu em 16 zonas geolinguísticas, designadas por letras do alfabeto (A, B, C ...), subdivididas em cada uma por dezenas segundo o grupo de línguas, 78 grupos linguísticos. Contudo essa classificação foi revista em 1978 no Museu de Tervuren (Museu Real da África Central – MRAC), da Bélgica por um grupo de especialistas em línguas bantu. No entanto, a revisão mais recente que temos referente à classificação tipológica das línguas bantu e a de Jouni Filip Maho.

Aspectos gerais das línguas bantu.

As línguas bantu são caracterizadas pela presença de classes, onde em sua totalidade as palavras são flexionadas. As classes em bantu são de concordância

que se manifestam por meio de afixos classificadores que são significantes constituídos por afixos nominais, prefixos verbais e infixos verbais. A maioria das classes apresentam-se em pares de prefixos (1/2, 3/4, etc.), que serve para exprimir a oposição singular e plural dos nomes, o aumentativo e diminutivo, o locativo, o infinitivo dos verbos, permitindo ainda delimitar o sentido desse nome. As línguas bantu estão classificadas de forma genealógica e tipológica. São línguas com classes³ e essas constituem a categoria básica na qual as formas se encontram flexionadas.

As línguas africanas no Brasil

O tráfico de negros africanos para o Brasil se deu em decorrência de quatro grandes ciclos econômicos. Colaborou de forma significativa à transplantação das línguas africanas para o Brasil, tendo seu início no século XVI e prosseguindo até o século XIX (BONVINI, 2008, p. 26). Faz-se necessário reafirmar que a importação de escravos africanos para o Brasil ocorreu em decorrência de razões puramente econômicas, ligadas aos ciclos de importação de negros africanos, que são: nos séculos XVI e XVII, a cultura da cana-de-açúcar e do fumo; no século XVIII, a exploração das minas de ouro e diamantes, mas também na cultura do algodão, do arroz e a colheita de especiarias; no século XIX, a cultura do café (BONVINI, 2008, p. 27). Assim sendo, a partir desse trabalho temos a intenção; de forma breve, sem se prender a historiografia propriamente dita, de apresentar, com bases em dados coletados no centro de culto afro – umbanda – elementos que possam evidenciar a possível presença de vocábulos de origem bantu utilizados pelos frequentadores de cultos africanos no vale do Madeira.

Análise do corpus coletado no centro de umbanda

A tabela a seguir a seguir, tem a coluna 1 com o número de ordem dos termos; a coluna 2 a forma ortográfica do léxico no português com significado encontrado no centro pesquisado; a coluna 3 mostra a transcrição fonética usando os símbolos IPA para registro da efetiva pronúncia dos termos encontrados no centro e 4 coluna como é encontrada no Glossário de bantuísmo brasileiros presumidos (ANGENOT & ANGENOT).

Forma ortográfica	Transcrição fonética em API	GBBP
Pemba Tipo de bastão usado para riscar no chão os pontos da Umbanda	^h pẽ.ba	Pemba (a) caulim reduzido a pó, de largo uso ritualístico (b) qualquer substância branca, reduzida a pó que se acredita ter poderes mágicos (c) cf. sacurupemba <i>Kik-Kim</i> ^m pe ^m ba pemba cal sagrado que serve para riscar ponto e em pó para cruzamentos de corpo.

Termo de possível origem bantu, conforme Pessoa de Castro (2001), para Ney Lopes pemba corresponde a mpemba correspondente ao kimbundo, segundo Buarque de Holanda o termo é de origem origem iorubá. Assim sendo, a partir da discipção acima é possível perceber que todos os dicionaristas trazem o termo com o mesmo significado encontrado no centro pesquisado.

Forma ortográfica	Transcrição fonética em API	GBBP
Quimbanda Cultos afro que praticam a magia negra. Fazer o mal.	[kĩ.'bã.da]	Quimbando chicote, açoite <i>Kim kiba</i> ⁿ du

Do ponto de vista da origem da palavra, Buarque de Holanda atribui o termo como sendo de origem africana, mas precisamente do kimbundo. Pessoa de Castro e Ney Lopes se referem ao termo como sendo de origem bantu, os demais dicionarista trazem o termo em suas obras, mas apenas fazendo a conceituação do termo.

Forma Ortográfica	Transcrição Fonética em API	GBBP
Umbanda Culto afro-brasileiro. Religião que trabalha com os orixás de luz.	ũ'bãda]	Umbanda - (a) religião afro-brasileira que surgiu no século XX com assimilação de elementos dos espíritos no kardecista e do catolicismo; (b) por extensão, bruxedo, magia branca.

Autores como Pessoa de Castro, Ney Lopes, Cacciatore se referem ao termo como sendo de possível origem bantu. Os demais autores versam sobre significado da palavras em estudo, como sendo culto afro.

Forma Ortográfica	Transcrição Fonética em API	GBBP
Zambi Deus. Pai. Ser Supremo.	[zã.bi]	Zambi Deus Supremo inzambi (a) deus Supremo (b) expressão de saudação respeitosa <i>Kik-Kim</i> ⁿ za ^m bi zambi chefe de quilombo <i>Kim</i> ⁿ za ^m bi <i>deus</i>

Todos os dicionaristas aqui consultados trazem o termo como sendo de possível origem bantu. Com sentido de Deus, Ser Supremo, o mesmo encontrado no centro estudado.

Nota sobre o corpus coletado

O maior percentual de palavras encontrados no centro tem como origem o latim, fato que vem a reforçar a influência do catolicismo na tradição religiosa da região ao qual o centro esta localizado.

Outro número que nos chama atenção é o percentual de termos de origem indígena, extremamente baixo, se levarmos em consideração a historiografia.

Com relação aos outros dados – bantu e yorubá, o primeiro, conforme já mencionamos anteriormente foi o povo que em maior número chegou ao Brasil, no entanto, autores como Carneiro (2008), afirmam que os bantus foram designados para a zona rural, enquanto que os yorubás ficaram mais na zona urbana. Assim, sendo os dados abaixo poderiam confirmar tais informações.

Nº.	BANTU	YORUBÁ	LATIM	TUPI
1	angu	Ago	Permissão	ubirajará
2	aruanda	Axé	Oferenda	jurema

3	bombojira	Doburu	Galinha	iara
4	cabaça	Ebó	Flor	coité
5	macumba	Acarajé	Búzio	caboclo
6	Marafó	Bori	Novena	jerimum
7	Pemba	Decá	Médium	macaxeira
8	quimbanda	Erê	Invocação	mucuracá
9	umbanda	Babalorixá	Santo	pitu
10	Zambi	Orixá	Salvar	tapindaré
%	21%	30%	43%	6%

É importante ressaltar que estamos apresentando apenas algumas palavras que são representativas, referentes ao trabalho desenvolvido. No entanto, a tabela constando todas as entradas léxicas encontradas no centro pesquisado que são de possível origem bantu poderão ser solicitadas pelo e-mail: ikgrando@hotmail.com.

A contextualização lingüística baseia-se predominantemente no que disse Lima:

A maioria dos africanismos atestados no Brasil provém dos falantes de línguas do tronco Benue – Congo do filo Niger – Congo, as quais se repartem em dois agrupamentos principais: as línguas da imensa família bantu e as línguas tais como loruba e Fon. É um fato admitido que as línguas bantu tiveram um impacto nacional muito mais geral, antigo, profundo e duradouro ao passo que a influência lingüística e cultural do Fon e loruba foi muito mais tardia e concentrada na Bahia, notadamente nas áreas específicas do culto dos orixás e da culinária (2008, p. 2).

As palavras estudadas apresentam como possíveis cognatos bantu encontrados na literatura afro-brasileira agrupado por Angenot & Angenot no Glossário de Bantuísmos Brasileiros Presumidos (2008).

A busca etimológica dessas palavras exige uma pesquisa minuciosa em todos os dicionários de línguas bantu e ainda uma pesquisa de campo para verificar nas línguas não documentadas. Faz-se necessário ainda, que o pesquisador tenha uma boa base lingüística e familiaridade com as línguas bantu.

Por esse motivo optamos por não falar sobre as etimologias das palavras encontradas, mas, apenas mencionamos como pseudo-congnatos bantu baseados nos dicionários consultados.

Considerações Finais

Com base na identificação realizada foi possível verificar que 21% do corpus estudado é possível que sejam de provável origem bantu. É importante registrar, a partir desse dado, que a contribuição africana negra para o português falado no Brasil foi significativa. Isto posto, podemos observar que a realidade lingüística encontrada na religião esta profundamente marcada pelo contato de vários grupos étnicos. A partir do estudo foi possível evidenciar um número de palavras significativo, que de acordo com os dicionários consultados têm sua origem na língua latim, fato que é oportuno considerar, levando em consideração a forte influência da Igreja Católica no processo de colonização do Brasil e da região Amazônica como um todo.

A partir das informações obtidas com base na historiografia e na etnolingüística é possível deduzir que as diversas etnias negras, conforme Angenot (2007), vindas para o Brasil no período da escravidão estabeleceram o contato com o Espanhol e o Português de Portugal, as línguas dos Senhores, e com as línguas indígenas, etnias que já habitavam a terra que foi chamada de Brasil, e desse contato resultaria uma maior incidência no léxico de vocábulos de línguas castelhanas, indígenas e africanas. Porém, nesta pesquisa, e em se tratando do centro de culto afro, a quantidade palavras encontradas de origem indígenas ocorreu em um valor bem resumido, fato que nos chamou bastante a atenção, tendo em vista fatores históricos, pois esperava-se o contrário.

Essa pesquisa também incluiu a etno-história do centro de umbanda de Nova Mamoré principalmente no que se refere à língua utilizada no dia-a-dia dos freqüentadores dos centros, objeto de estudo desta pesquisa, bem como algumas características dos rituais praticados nos terreiros. Com este estudo procurou contribuir para enriquecer os acervos lingüísticos existente, uma vez que as línguas africanas têm muito a ser estudadas.

1 Kongo-Kordofán é uma região do Sudão que se estende a oeste do rio Nilo-Branco e, é representada no mapa da África pela sigla românica I.

2 Vide: *The Classification of the Bantu Languages (Classificação das línguas bantu)*, 1948. Nessa obra ele apresenta critérios de identificação das línguas bantu.

3.As classes nas línguas bantu são classes de concordância que se manifestam geralmente por meio de afixos classificadores que são significantes descontínuos constituídos por prefixos nominais substantivais (PN), prefixos nominais adjetivais (PA), prefixos pronominais (PP), prefixos verbais (PV) e infixos verbais (IN). Em outros termos para identificar a classe a qual pertence um substantivo é preciso considerar seu PN e os eventuais PA, PP, PV, IN por meio dos quais os pronomes, os adjetivos e os verbos concordam com ele.

Fontes Consultadas

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de & FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANGENOT, Jean-Pierre & ANGENOT, Geralda de Lima. *Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos*. Disponível em <http://www.campusguajara.unir.br/>. Acessado em 10.09.2011.

BONVINI, Emilio. *Línguas africanas e português falado no Brasil*. In: FIORIN, José et. all (Orgs.). *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1977.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASTRO, Yêda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOUAISS, Antonio. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2004.

LACRAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, Marta Valéria de. & MENEZES, Nilza (2003). *Pintando o santo*. Revista primeira versão, EDUFRO, nº. 110, ano II, Porto Velho.

LIMA, Vivaldo da Costa. *Nações de Candomblé*. In: Encontro de nações de candomblé. Salvador. Bahia: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1984.

PEREIRA, Nunes. *A Casa das Minas: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns, do panteão daomeano, no estado do Maranhão*. Petrópolis: Vozes, 1979.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás deuses iorubas na África e o Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.